

**CINEMA /** Documentário dirigido por Miguel Freire narra a trajetória do cineasta Sérgio Santeiro, defensor dos filmes experimentais

# O ideólogo do curta-metragem

**R**eunidos ao redor de uma mesa de montagem de fitas 16mm, a moviola — pela qual já passaram clássicos como *A noiva da cidade*, de Alex Vianny —, os cineastas Sérgio Santeiro, Miguel Freire, Vladimir Carvalho e Manfredo Caldas irradiavam alegria como garotos que reencontram um antigo videogame. O encontro na quinta-feira (5) à tarde na Fundação Cinememória, a casa na 703 Sul onde Vladimir guarda relíquias cinematográficas, foi marcado para que os colegas de película conversassem sobre o novo documentário biográfico de Miguel Freire, *Doc Santeiro*, cujo protagonista é Sérgio Santeiro.

O filme de 70 minutos, que estreou ontem no auditório da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), na passagem dos 50 anos da faculdade, contém depoimentos, lembranças, trechos de filmes e discursos provocadores de Santeiro. O documentário com toque de ficção e locações na casa de Sérgio e na Cinemateca do Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro,

também seguirá neste ano para o circuito de mostras em Pernambuco, Paraíba e Ceará.

“A escolha por Brasília é pessoal. Foi na UnB que conheci o mundo, a partir das ideias libertárias de Darcy. Aqui, tudo é muito emocionante para mim”, diz o diretor do documentário, Miguel Freire, que, em 1968 foi aluno de Vladimir Carvalho naquela faculdade que completa meio século: “Foram cinco anos de produção da fita, com várias conversas e encontros com Sérgio”.

Para o biografado, o mais complicado de ser “objeto do filme” é o fato de ser também um cineasta. “O diabo é que sei o que a câmera está enquadrando. Quando você pressente o tempo morto (sem ação), aí disfarça, mexe um pouco a perna, muda de posição, que é para acontecer alguma coisa”, brinca.

“A ideia era apresentar um trecho de quem é Sérgio, que tanto defende o filme cultural, que é aquele que vai além do entretenimento. Tenho uma preocupação com a coisa da memória, do registro”, explica Miguel. Entre as

Miguel Freire/Divulgação



Sérgio Santeiro (D) durante as filmagens de *Doc Santeiro*: o cineasta enquadrado do outro lado da câmera

lembranças e os relatos que compõem *Doc Santeiro*, está o Cinema Novo, que inseriu a temática social no cinema brasileiro, a produção de curtas-metragens no Brasil e também a polêmica

Lei do Curta, inviabilizada em 1990, segundo a qual as salas de cinema eram obrigadas a exibir curtas-metragens nacionais antes dos filmes.

“Sérgio é um cara que se dedi-

ca ao curta-metragem, é um ideólogo dos curtas-metragens”, diz categórico Manfredo Caldas. E o biografado confirma a fala de Manfredo. “O curta-metragem é importante porque inicia o pes-

soal no cinema. E a lei tinha um papel porque remunerava quem produzia o curta. Hoje, mesmo disponíveis aos montes na internet, não tem remuneração, não tem incentivo”, lamenta Sérgio.